

O DESAFIO DAS MISSÕES URBANAS

Pr Bertil Ekström

TEXTO: Rm 1:1-17 - **Não me envergonho do Evangelho**

Introdução: Situação histórica de Paulo

Ao escrever a carta aos Romanos, Paulo está no fim de sua 3ª viagem missionária, retornando a Jerusalém com as ofertas dadas pelos cristãos gentios de Acaia e Macedônia. Paulo está na casa de Gaio em Corinto, possivelmente no inverno 56-57 A.D., segundo Bruce.¹

Paulo está numa fase de transição. Ele analisa o que já aconteceu em seu ministério e até onde tem conseguido alcançar em termos de abrangência geográfica. Deus tem operado grandemente:

Portanto, eu me glorio em Cristo Jesus, em meu serviço a Deus. Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus: pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus. Rm 15:17-19

De fato, os dez anos (47 a 57) que passou evangelizando as terras ao redor do Mar Ageu, concentrando-se nas províncias da Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia, tinham sido frutíferos e igrejas tinham sido estabelecidas em grande parte das cidades importantes.

Em termos geográficos, Paulo tinha alcançado “desde Jerusalém e arredores, até o Ilírico”, marcando uma esfera de atuação primeiramente com base em Antioquia e Jerusalém e posteriormente em Éfeso onde permaneceu mais tempo, aparentemente treinando novos obreiros (At 19). Dificilmente Paulo teria chegado até o Ilírico, mas a influência de seu ministério, através de cooperadores seus, certamente justificava sua afirmação.

Era hora de avançar. Com as igrejas estabelecidas nos principais centros da Ásia Menor e da Grécia, um novo plano de expansão surge na mente do Apóstolo. Alcançar o extremo ocidente do mundo conhecido, a Espanha. Antes, porém, precisava cumprir a

¹ **Bruce**. Romanos Introdução e Comentário. pág. 13. A data sugerida varia de autor para autor. **Moule e Barclay** propõem 58; **Hodge** crê na primavera 58 ou 59; **Giertz e de Benoit** concordam com Bruce, para citar alguns dos comentaristas.

promessa de levar as ofertas aos pobres em Jerusalém. E, mesmo correndo riscos, que seriam confirmados através de sua prisão, Paulo está se dirigindo a Jerusalém.

O novo desafio passa por Roma. Paulo teria tido medo de ir a Roma (vv 15 e 16)?

1. A Cidade de Roma

Roma, na época de Paulo tinha mais de um milhão de habitantes. A grande maioria era de escravos, quem sabe em torno de 70%, e mesmo entre as pessoas livres muitos não eram considerados cidadãos num sentido pleno, com direitos. Uma pequena elite, chamada de patricianos, dominava a política, a economia e os rumos da cidade, liderados pelo Imperador. Os plebeus tinham pouco a ver com o poder e não podiam reivindicar os mesmos direitos. No nível mais baixo da sociedade estavam os escravos.

Roma era naturalmente um centro atrativo para muitas nações na época. A mistura étnica e cultural é bastante evidente. A religião romana era originalmente de devoção a Júpiter, Marte e Quirino, os deuses dos céus e da guerra. Com o tempo outros deuses foram adicionados ao panteão romano. A partir do quinto século antes de Cristo houve forte influência grega e deuses gregos eram introduzidos com nomes romanos. No século três antes de Cristo, a filosofia grega trouxe um ceticismo em relação à religião e um questionamento das divindades. Principalmente o estoicismo, fundada por Zenon, com uma filosofia moral rígida que exigia uma reconsideração da tradição religiosa e dos preceitos éticos, levou à busca de um ideal estóico, de virtudes perfeitas. Sócrates era o grande ideal de ser humano. O racional é elevado às custas do sentimento e da dimensão religiosa. Não vou entrar em mais detalhes aqui mas afirmar que algumas características de Roma são típicas de centros urbanos mesmo em nossos dias. Entre elas estão o pluralismo, a tendência ao secularismo ou elevação do racional, a centralidade do poder numa elite que oficialmente ou não domina a política e a economia, a injustiça social e a violência.

É interessante notar a centralidade da cidade no contexto bíblico. Muitas vezes pensamos no texto bíblico e na teologia como de mero conteúdo rural, campesino. Não resta dúvida que os autores bíblicos buscam com frequência exemplos da vida no campo, mas a grande maioria deles viveu num contexto urbano. Costuma-se dizer que a revelação bíblica começa num horto (Édem) e termina numa cidade (Jerusalém). Além da posição de destaque de Jerusalém em todo o relato bíblico, outros centros urbanos foram centrais para a revelação bíblica e para a expansão da Igreja. O apóstolo Paulo concentrou-se nas principais cidades da Ásia Menor e da Europa de sua época.

2. O desafio dos centros urbanos de nossos dias.

Calcula-se que no ano 2000 94% da população da América do Norte vivia em centros urbanos, 82% dos europeus, 73% dos latino-americanos, 45 % dos africanos e 36 % dos asiáticos.² Existem, segundo Patrick Johnstone, 482 cidades com mais de um milhão de habitantes, dos quais 20 têm mais de 10 milhões.³

O maior crescimento se dá, naturalmente, no Hemisfério Sul e de forma muito especial na América Latina. Temos em nosso continente pelo menos oito cidades com uma população acima de cinco milhões de habitantes.⁴

A problemática do centro urbano é peculiar. Ao mesmo tempo que o ajuntamento de pessoas favorece uma série de aspectos positivos como industrialização, emprego, comércio, transporte, moradia e supostamente segurança, outros fatores fazem da urbanização um constante desafio. A concentração de recursos e de criatividade oferece ao cidadão urbano uma infinidade de possibilidades e de oportunidades. Porém, como sabemos, o preço é alto e, para muitos, estas oportunidades de viver bem são apenas teóricas. Corrupção, criminalidade, violência, opressão financeira, manipulação política, injustiça social, desemprego, pobreza, racismo, protecionismo, solidão, marginalização e desintegração familiar, são apenas alguns exemplos do lado negativo do centro urbano. É claro que nem tudo é privilégio único do cidadão urbano. Existem problemas também na zona rural, mas não há dúvidas que muitos destes problemas são fortemente acentuados na cidade grande.

3. Jonas – A Missão para a Cidade de Nínive

Jonas poderia muito bem ser chamado de um missionário fracassado. Ou, de um missionário que teve êxito, mas nunca compreendeu o seu sucesso. Se ele fosse um dos evangelistas mundiais de hoje, certamente teria fundado o “Jonas Ministries”, construído a sede mundial na praça central de Nínive e iniciado filiais em todo o mundo da época.

- **Características de Nínive**

A cidade de Nínive era um terror e pode muito bem ser comparada à Roma dos dias de Paulo. Tinha sido fundada pelo poderoso Ninrode ou Assur quando este deixou a Babilônia e foi para o norte. Isto conforme Gênesis 10 onde Nínive é citado pela primeira vez. Na cidade foi construído um templo a deusa Istar, ou Nina (que possivelmente deu origem ao nome da cidade).

Nínive era a capital da Assíria, um dos constantes inimigos de Israel. Na época de Jonas, o povo de Israel estava debaixo do jugo assírio. As atrocidades cometidas por seus dirigentes deixariam qualquer Hitler ou Sadam Hussein verdes de inveja. Mesmo

² Linthicum, R. Cidade de Deus, Cidade de Satanás, p. 18.

³ Johnstone, P. Operation World, p. 1.

⁴ São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, Caracas, Bogotá e México City.

com o avivamento que ocorreu como resultado da pregação de Jonas, a cidade voltou à sua “normalidade” e o juízo de Deus levou à sua destruição final no ano de 612 a.C. com uma inundação⁵.

Algumas das características de Nínive eram:

1. Um lugar da onipotência humana – um confronto à criação de Deus. Era um lugar do orgulho humano – do poder conquistador e opressor.
2. A religiosidade de Nínive era baseada no culto a deuses pagãos, tratando-se, portanto, de uma cidade idólatra. Os Assírios cultuavam deuses que personificavam os elementos da natureza.
3. Uma cidade que oprimia outras nações, saqueando e vivendo em luxúria às custas dos inimigos.
4. Uma cidade cheia de maldade (Jonas 1:3) – em Naum temos expressões como: cidade sanguinária, repleta de fraudes e cheia de roubos, sempre fazendo as suas vítimas. (Naum 3:1).
5. Ao mesmo tempo era uma cidade moderna, com abastecimento de água, esgoto, bem urbanizada, diríamos hoje. Oferecia conforto e segurança aos seus habitantes por sua riqueza e sua força militar.

Resumindo, poderíamos afirmar que a cidade de Nínive tinha muitas das características que encontramos em outros grandes centros urbanos na história e em nossos dias.

- **O vocacionado**

O vocacionado para pastorear esta cidade, com uma tarefa específica de apregoar o juízo contra ela, foi Jonas. Sabemos pouco sobre Jonas, mas não há dúvida de que ele realmente existiu. (2 Reis 14:25) É, portanto, um personagem histórico que num contexto de opressão política tem a árdua tarefa de profetizar contra os seus dominadores.

Sua tarefa não é invejável. Creio que podemos nos colocar no lugar de Jonas. Aliás, é o que geralmente fazemos, fugindo da raia e buscando caminhos para Társis. C.F. Keil em sua memorável obra conjunta com F. Delitzsch de comentários do Antigo Testamento, diz:

O motivo desta fuga não era o medo das dificuldades em levar adiante a incumbência de Deus, mas, como Jonas mesmo diz em 4:2, a ansiedade em saber que a compaixão de Deus iria preservar a cidade pecaminosa se houvesse arrependimento. Ele não queria cooperar com isto.⁶

Na verdade não sei o que é pior. A fuga porque temos medo de sofrer as reações violentas de parte dos que não querem aceitar a repreensão, ou porque não queremos colaborar com o plano salvífico de Deus em resgatar o homem pecador. A primeira é compreensível num plano humano. Não gostamos do confronto e muito menos do

⁵ O profeta Naum prediz a queda de Nínive, inclusive a forma como aconteceria: Naum 1:8

⁶ Keil, C.F. & Delitzsch, F. Commentary on the Old Testament, Vol X, The Minor Prophets, p. 390.

sofrimento físico e psicológico. A fuga devido à falta de compromisso com a missão redentora de Deus é incompreensível do ponto de visto da vocação da Igreja.

A racionalização de Jonas é que Deus nunca cumpre aquilo que promete, principalmente não em se tratando de castigar os infiéis, idólatras e opressores. De repente o pessoal se arrepende e Deus, que é por demais misericordioso, muda de idéia e dá mais uma chance.

Quem sabe esta não é a problemática que muitas vezes vivemos como Igreja do século XXI. Numa forte necessidade de vencer supostos inimigos, nossa teologia, e principalmente nossa prática pastoral e missionária, incluem pouco desta misericórdia divina. O dogmatismo, o fundamentalismo cristão e o evangelismo agressivo buscam muito mais a derrota do opositor que a conquista de sua simpatia e compreensão, através da empatia e da identificação com seus problemas. Isto é verdade tanto num aspecto macro em termos da missão transcultural – no confronto entre o Cristianismo e outras religiões – como a um nível micro – na tarefa da igreja de alcançar a cidade no dia a dia. Estou convencido que os Estados Unidos, assim como a Inglaterra e os demais países identificados com uma ideologia cristã, perderam uma grande oportunidade no dia 11 de setembro do ano passado. Era a chance de mostrar um caminho alternativo ao ataque terrorista ao World Trade Center. Sei que a questão é complexa e entendo bem a reação de George W. Bush e do povo americano. Logicamente a criminalidade internacional e o terrorismo precisam ser reprimidos e combatidos. Mas, do ponto de vista do testemunho cristão era a oportunidade de mostrar ao mundo em geral e aos muçulmanos em particular, a forma como Cristo agiria. Desconfio, inclusive, que a falta de envolvimento em missões transculturais no Norte da África e no Oriente Médio tem a ver com nossa suspeita de que Deus poderá mostrar compaixão com os povos que ali vivem.

Lá se vai Jonas na direção oposta ao chamado. A fuga dos planos de Deus não só traz prejuízos para aqueles que não atendemos como também coloca em risco aqueles com os quais passamos a conviver. Em outras palavras, o ministério pastoral da Igreja que foge de sua vocação holística, deixa de atender as necessidades dos que realmente necessitam e passa a criar novos problemas para si mesma e para os seus afiliados. Vemos isto claramente na Igreja introvertida, “umbigo-centrada”. Acaba sendo a comunidade que somente trata de problemas internos de relacionamento entre seus membros, de dogmatização constante, de busca eterna da razão de sua existência. Uma Igreja que não assume o seu papel na sociedade é como um Jonas que dorme no porão do barco. Sonha tranqüilamente com as glórias do passado e com o céu do amanhã. A sua falta de obediência coloca os demais viajantes em risco e mesmo havendo uma solene confissão de sua fé no Senhor Deus dos céus, que fez o mar e a terra (1:9), a teoria não encontra na prática sua consequência. Foram os marinheiros pagãos e idólatras que tentaram resolver a questão e salvar a vida do profeta de Deus. Fizeram tudo para mantê-lo vivo e chegar ao porto seguro, até que não foi possível e o lançaram ao mar. Vendo que o mar se acalmou, os marinheiros entenderam o poder de Deus e o

adoraram. É interessante como Deus utiliza as situações para levar pessoas a reconhecerem e louvarem o seu nome.

Parece que a Igreja Cristã só entende a seriedade da situação e assume seu papel profético e terapêutico quando é lançada fora. Certamente há muitas exceções quando a Igreja foi perseguida e proibida porque de fato estava cumprindo seu papel de representante do Reino de Deus. Mas creio que não é exagero dizer que a refutação e a apatia da sociedade em relação à mensagem cristã muitas vezes se deve ao fato de que as pessoas não vêem algo de relevante em suas palavras e ações.

No fundo do mar, dentro do ventre do peixe, Jonas se arrepende e quer uma nova chance. Desta vez iria cumprir a sua tarefa, independente do custo.

O arrependimento do enviado, do mensageiro e do missionário sempre é uma esperança para o mundo. A Igreja arrependida e disposta a rever suas prioridades oferece uma nova expectativa de mudanças na sociedade. Creio que não devemos ser por completo pessimistas quando avaliamos o desempenho da Igreja de nossos dias. Existem iniciativas promissoras de envolvimento na sociedade que mostram que é possível influenciar a cidade de forma positiva.

Poderíamos ter projetos viáveis em qualquer lugar do Brasil e em cada bairro das grandes cidades. O problema não é falta de igrejas. Segundo uma estimativa da SEPAL existem cerca de 150.000 igrejas evangélicas no Brasil. Temos em torno de 5.500 municípios. Isto significa uma média de 27 igrejas por município, isto sem contar inúmeras congregações. De acordo com o Projeto Brasil 2010 de plantação de igrejas no Brasil, há 200 municípios sem presença evangélica, menos de 4 % do total das cidades brasileiras. Não, o problema é outro. Se somos realmente cerca de 30 milhões de evangélicos no Brasil, não há desculpas para não fazer diferença.

Quem sabe são situações drásticas com a de Jonas que nos fazem refletir sobre a vocação, principalmente quando perdemos o controle da situação e realmente dependemos de Deus para sobreviver como instituições e organizações.

- **Missões urbanas**

A tarefa de Jonas era simples e complexa ao mesmo tempo. O conteúdo da mensagem era direto e claro. Deus tinha contemplado a maldade da cidade e em 40 dias iria destruir a gloriosa cidade de Nínive. A complexidade ficou patente quando os habitantes da cidade começaram a se arrepender e a crer em Deus. Impressionante a instantânea resposta à pregação. Inclusive o rei se converteu e decretou jejum para todos. Diz o texto que o próprio rei completou a pregação do profeta Jonas, conclamando o povo a que deixassem os maus caminhos e a violência. (3:8). E Deus constatou que de fato haviam deixado os seus maus caminhos e resolveu não destruí-los mais, pelo menos por um século. (3:9-10).

Vejo dois aspectos importantes na tarefa missionária da Igreja em nossos dias: a de denunciar o pecado e a de mostrar o caminho correto. Por um lado temos a incumbência de profetizar contra o nosso tempo, descortinando a falsidade, a injustiça, a opressão, o mal em todos os setores da sociedade, inclusive dentro da própria Igreja. Por outro lado, existe o papel de guia e de orientação a uma sociedade confusa e sem rumo. A repreensão e a correção precisam andar de mãos dadas.

No caso da denúncia do mal é imprescindível uma identificação com os habitantes da cidade. Esta identificação ou contextualização nunca ocorreu no ministério ninivita de Jonas. Ele veio como forasteiro, inimigo, um empurrado de Deus com uma mensagem seca e triunfalista de destruição. Era o seu maior desejo, que Deus acabasse com a cidade de Nínive. Com isto o seu próprio povo poderia ter um pouco mais de tranquilidade e quem sabe até viver em liberdade. Pouco alcançaremos se esta for a nossa aproximação aos problemas urbanos de hoje e principalmente em relação a questões sócio-econômicas que exigem mudanças radicais de sistemas e estruturas. Autores latino-americanos têm chamado isto do desafio da encarnação. Samuel Escobar, iniciando com uma citação de John Stott diz:

“A missão da igreja no mundo é ser como Cristo em tudo. Jesus Cristo foi o primeiro missionário e toda a nossa missão deriva dele”. Esta é a verdade maravilhosa da encarnação. Deus se fez homem. O Verbo se fez carne e habitou entre nós. Jesus não cumpriu a sua missão à distância... Enviados por ele, somos também homens no meio de homens. Vivemos numa sociedade determinada, submetidos às leis humanas, às circunstâncias e peripécias a que estão submetidos todos nossos conterrâneos. Mas a verdade é que temos que admitir que temos cedido muitas vezes à tentação de separar-nos de nossa sociedade e não nos identificarmos com ela. Não existe um mosteiro protestante na América Latina, mas existe sim uma mentalidade de mosteiro.⁷

Sem esta encarnação não haverá confiança na atuação profética da Igreja. É fácil ficar de fora e criticar os outros. É cômodo ter opiniões e juízos sobre tudo e todos quando não é necessário assumir responsabilidade. Se o país está como está, se a cidade onde moramos vive os problemas que vive, a culpa também é nossa como Igreja. Poderíamos ser contundentes e dizer que “temos a cidade e o país que merecemos”. Mas não quero ir a extremos e sim nos desafiar a ser mais Cristo-cêntricos, a imitar o Mestre não apenas no discurso.

Se a denúncia do pecado requer esta encarnação e identificação com o humano (os habitantes da cidade), a correção e a orientação no caminho certo exigem uma identificação com o divino. E isto em dois níveis: o da iniciativa de Deus em prover a

⁷ Escobar, S. Al Servicio Del Reino en América Latina (ed. Valdir Steuernagel), pp. 154-155.

salvação do ser humano e o da representatividade do Reino de Deus por parte da Igreja. O primeiro nível fica evidente na história de Jonas. Se Jonas tivesse se colocado no lugar de Deus e se identificado com o Senhor de misericórdia que ele supostamente conhecia, teria entendido a ação preservadora de Deus para com o povo de Nínive. O segundo nível é mais complicado porque requer do vocacionado e da Igreja uma identificação com o Reino de Deus e seus princípios.

Valdir Steuernagel, em seu comentário sobre o Salmo 146 e o Cântico de Maria, diz sobre o Reino:

O Reino de Deus representa uma realidade de esperança justamente porque nele são abraçados aqueles que estão sozinhos e confortados os que estão desesperados. No Reino se cuida dos que estão abandonados, os explorados são protegidos, libertados os que estão sendo oprimidos, levantados os que estão sendo discriminados, e Maria é escolhida para ser bem-aventurada. A partir da perspectiva do Reino de Deus, há lugar para todos e para cada um, desde que venham de mãos vazias, desde que venham famintos e sedentos.⁸

Algumas das implicações para a Igreja como agente do Reino são, portanto:

- Lutar em favor da reconciliação do homem com Deus;
- Defender a justiça, a moralidade e a harmonia entre os homens – a reconciliação entre os homens, povos e nações;
- Colocar-se na brecha a favor dos marginalizados na sociedade;
- Batalhar a favor dos direitos humanos, em todos os seus aspectos;
- Denunciar a corrupção, o pecado, a injustiça social, o racismo, a acepção de pessoas, a opressão política, financeira e social – exercer a voz profética na sociedade;
- Trabalhar a favor da utilização dos recursos naturais de forma sábia e criteriosa;
- Ajudar a construir uma sociedade cada vez mais justa e pacífica; e,
- Proclamar a vinda do Reino em seu sentido completo e futuro como a solução final.

Não preciso dizer que esta é uma tarefa sobre-humana, sobre-natural. Se não houver uma perspectiva divina, de amor ágape e de profunda consciência de vocação, não há condições da Igreja cumprir este seu papel. Trata-se de uma continuidade do ministério de Jesus descrito em Lucas 4:18,19:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor.

⁸ Steuernagel, V. O Caminho do Discipulado, p. 78.

Um retorno à sinagoga de Nazaré não faria mal ao nosso movimento evangélico brasileiro e mundial, para ouvirmos novamente a declaração de Jesus e o seu compromisso com sua missão.

- **A frustração do missionário urbano**

Deus teve misericórdia do povo em Nínive. Bem que Jonas desconfiava. Sua reação é quase infantil e recebe de Deus o tratamento de acordo. Não sabemos se ele aprendeu a lição, mas ficam para nós importantes ensinamentos.

Em primeiro lugar, ser missionário e profeta na cidade requer humildade. Fazer o papel de “palhaço”, conforme a interpretação de Jonas, não é fácil. Isto ocorre principalmente quando defendemos princípios do Reino que não coincidem com a idéia de esperteza do mundo. Levar vantagem em tudo é a máxima de nossos dias, e quem sabe sempre foi assim. Jeitinhos e atalhos, quebra-galhos e propinas, são todos meios lícitos e recomendáveis em nossa sociedade. Recusar-se a adotar os mesmos métodos, leva geralmente à admiração de uma minoria e ao deboche de uma maioria.

Em segundo lugar exige uma atitude de serviço. O comodismo, ficar em baixo da sombra da árvore, é fruto de uma cultura aburguesada e secularizada do povo evangélico. “O importante é que tudo esteja bem comigo”. Pode ser que não tenhamos em tudo a mesma teologia da Madre Teresa de Calcutá, mas ninguém pode acusa-la de escolher uma vida de comodismo e de vantagem própria. Sua ação num dos maiores centros urbanos do mundo, nos deixa envergonhados por nossa passividade e motivados por nosso potencial.

Em terceiro lugar o pastoreio da cidade requer flexibilidade. As circunstâncias e as situações sofrem constantes mudanças. A forma como trabalhávamos há 20 anos certamente não funciona em nossos dias, se é que funcionou naquele tempo. As mudanças nos centros urbanos são velozes e a Igreja que não acompanhar o desenvolvimento e com freqüência avaliar sua atuação, estará apenas respondendo a questões ultrapassadas.

Conclusão

Naturalmente não podemos condenar Jonas. Provavelmente faríamos o mesmo em seu lugar. Ou será que não? Será que existe de parte da Igreja Evangélica no Brasil coragem suficiente para enfrentar os desafios de nosso país em geral e em particular dos centros urbanos?

“São como ovelhas sem pastor”, esta foi a constatação de Jesus ao ver a multidão que havia saído das cidades para ouvir suas palavras, ver os seus milagres e serem alimentados por ele. (Marcos 6:34).

Não precisamos nos esforçar muito para identificar a mesma situação da grande maioria do povo em nossas cidades. Não apenas os favelados e marginalizados, mas igualmente os trabalhadores, a classe média e os ricos. A necessidade do pastoreio não se limita a certos níveis sócio-econômicos, mas passa por todas as camadas da sociedade. Os problemas podem até ser distintos, mas a carência de uma comunhão terapêutica como a da Igreja de Cristo é real para todos. Entre os direitos humanos que defendemos a partir de princípios cristãos, está também o direito de conhecer a Cristo Jesus como Senhor e Salvador. Por isso o pastoreio da cidade precisa basear-se num Evangelho Integral, a única resposta completa às necessidades do ser humano.

Paulo teria razão para temer Roma? Não sei, mas sua afirmação é bastante categórica de que não se envergonha do evangelho. Trata-se de um evangelho de transformação, da formação de uma sociedade alternativa baseada no amor (Rm 12), de um exemplo de solidariedade, de ajuda mútua, de luta pelo bem e pela justiça. Um exemplo que desafiava o imperador e toda a sociedade injusta e pecaminosa. Paulo (assim como Pedro) foi martirizado em Roma, pagando o preço que pregar este evangelho representa. A questão é se a presença das nossas igrejas faz diferença na sociedade onde estamos. Qual é o efeito positivo de todo o nosso trabalho? Certamente pessoas salvas. E comunidades transformadas?